



ANTONIO HOHLFELDT

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

CRÍTICA

Inesperado e inesquecível

A apresentação de *Fragmentos do desejo*, ocorrida dias atrás no Theatro São Pedro, trazia expectativas e curiosidade. Nenhuma foi fraudada. O grupo dirigido por André Curti e Artur Ribeiro, e que neste espetáculo conta ainda com Maria Adélia e Matias Chelbel, foi surpreendente sempre, evidenciou domínio absoluto da cena e imensa criatividade.

O tema é complexo e difícil: violência sexual exercida contra criança e sua repercussão na definição dos papéis sexuais do adulto. Não bastasse este tema, o grupo acrescenta um segundo personagem cego apaixonado pela aparente cantora e insiste na sua corte, até alcançá-la. A partir de então, o eivar do espetáculo dirige-se a esta relação estranha - no sentido de inusitada, diferente, fora da rotina e do usual. O que vale registrar e destacar, desde logo, é que, ao longo de todo o trabalho de cerca de hora e meia de duração, jamais se perde no mau gosto ou se escorrega para fora de uma narrativa artística cuidadosamente inventiva.

Fragmentos do desejo dispensa a palavra. Pode ser compreendida enquanto um espetáculo de mímica ou como um trabalho de dança. O que interessa é reconhecer que o trabalho é incomum e foge a todo e qualquer parâmetro. Na cena, destaca-se uma enorme caixa de surpresas que acolhe e lança, sucessiva e alternadamente, figuras que se travestem e se transformam em outras personalidades. A partir da caixa, o grupo desenvolve um sem-número de equipamentos e aparelhos para concretizar a encenação. O cenário de Déris Bossa, os acessórios, objetos e máscaras de Maria Adélia e os figurinos de Hervé Poeydémange concretizam a cenografia de André Curti e Artur Ribeiro, que conta inclusive com marionetes de Ma Fullange e Maria Adélia. Mas se não escutamos a palavra, é como se ovíssemos os corpos dos intérpretes. Logo no início, chama a atenção a sincronia perfeita. Depois, atrai a flexibilidade e, enfim,

até o final do trabalho, prendem nossa respiração os movimentos que sugerem até mesmo a levitação.

O espetáculo, já o disse, é altamente poético, porque metafórico. É equilibrado, o que se exige ao tratar de temas polêmicos e contraditórios. Mas nem por isso deixa de ser realista e até cruel. Ninguém é pobre coitado e ninguém é simplesmente culpado ou inocente. A vida é tomada numa perspectiva fragmentada, em que cada personagem luta para atender às suas demandas, interesses e necessidades. Somando aos atores os bonecos - o menino violentado, o avestruz que se apresenta ao velho entredado, etc. - ou buscando efeitos de um falso espelho, como nas sequências em que a cantora-o cantor fragmenta sua imagem ao fundo do palco, o espetáculo propõe um desafio permanente, que é acompanhar cada cena, numa iluminação (de Thierry Alexander e Artur Ribeiro) que muitas vezes sugere um *trompe l'oeil*, na medida em que elimina a profundidade de campo da visão da plateia, exigindo a atenção e um equilíbrio entre a sensação e o raciocínio.

Há soluções simplesmente geniais, como aquela dos grandes braços inflexíveis quando da relação sugerida entre o deficiente visual e o principal personagem. Ou os efeitos de chuva, que levam o personagem a aceitar o guarda-chuva do cego. Plasticamente, o espetáculo fascina e envolve, enquanto se fica o tempo todo a perguntar: onde vamos chegar?, tentando entender racionalmente a proposta. Na verdade, o grupo não pretende ter uma resposta e, sim, apresentar uma pergunta. Este é o desafio, ainda mais valorizado pela trilha sonora de Fernando Mota, que inclui sons e composições musicais populares espanholas e brasileiras.

O espetáculo é um assalto à nossa imaginação. Provoca o nosso suspense. E se torna inesquecível. Uma grande experiência na arte da representação.